



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

AS RELAÇÕES DE PODER EM *OLEANNA*

Caroline Gonçalves Louback da Costa

Rio de Janeiro

2019

CAROLINE GONÇALVES LOUBACK DA COSTA

AS RELAÇÕES DE PODER EM *OLEANNA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Michela Rosa Di Candia

RIO DE JANEIRO

2019

CIP - Catalogação na Publicação

C837r Costa, Caroline Gonçalves Louback da
As Relações de Poder em Oleanna / Caroline
Gonçalves Louback da Costa. -- Rio de Janeiro, 2019.
28 f.

Orientadora: Dr^a Michela Rosa Di Candia.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2019.

1. Relações de Poder. 2. Identidade. 3.
Subalterno. 4. Oleanna. 5. David Mamet. I. Di
Candia, Dr^a Michela Rosa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Sônia Gonçalves e Vilmar Louback, por acompanharem toda a minha trajetória acadêmica e por sempre acreditarem em mim, mesmo nas vezes em que eu mesma cheguei a desacreditar. Aos amigos e colegas que conheci durante a graduação pela força nos momentos difíceis e pelos inúmeros momentos de alegria que compartilhamos durante a jornada. Agradeço também aos amigos e familiares que me incentivaram, apoiaram e encorajaram desde o início do curso até a conclusão deste passo tão importante em minha vida. E por fim, um agradecimento à minha orientadora Michela Rosa Di Candia, que soube me conduzir no desenvolvimento deste trabalho com todo o suporte e compreensão, aos quais sempre serei grata.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. RESUMO | 8 |
| 2. ABSTRACT | 9 |
| 3. Introdução | 10 |
| 4. As Relações de Poder em <i>Oleanna</i> | 14 |
| 5. Considerações Finais | 28 |
| 6. Referências Bibliográficas | 30 |

RESUMO

A presente pesquisa pretende analisar como ocorrem as relações de poder entre os personagens John e Carol, em *Oleanna*, do dramaturgo David Mamet. Utilizando excertos selecionados da peça, são investigados elementos que evidenciam como cada personagem faz uso da linguagem para expressar autoridade e poder. Para tal análise, foram consideradas fundamentações teóricas acerca da identidade, da concepção de poder e da possibilidade de fala por parte do subalterno em relação a um indivíduo detentor de poder superior. Após a investigação de tais elementos, concluímos que o processo de transformação identitária dos personagens é o ponto principal a ser considerado para as mudanças nas relações de poder entre eles, como afirmam os teóricos do assunto.

Palavras-Chave: Relações de Poder; Identidade; Subalterno; *Oleanna*; David Mamet.

ABSTRACT

This research intends to analyze how the power relations occur between the characters John and Carol, in *Oleanna*, by the playwright David Mamet. Using selected excerpts from the play, we investigate elements that highlight how each character makes use of language to express authority and power. For such analysis, we considered the theoretical constructions about identity, the conception of power and the possibility of speech by the subaltern in relation to an individual with a higher level of power. After investigating such elements, we conclude that the process of identity transformation of the characters is the main point to be considered for changes in the power relations between them, as the theorists of such themes assert.

Key-words: Power Relations; Identity; Subaltern; *Oleanna*; David Mamet.

Introdução

Nascido em Chicago, Estados Unidos, no dia 30 de novembro de 1947, David Alan Mamet é um dramaturgo, diretor e roteirista conhecido por explorar através de seus personagens a relação entre linguagem e comportamento. Mamet descobriu o seu amor pelo teatro aos 15 anos, enquanto trabalhava no *Hull House Theatre*. Ele começou sua atividade como escritor de peças enquanto cursava Literatura e Teatro na *Goddard College*, em Vermont, Estados Unidos. A primeira peça de sua autoria, *Camel*, foi escrita como parte de sua graduação, e antes de receber o grau de bacharel no ano de 1969. David trancou o curso por dezoito meses para estudar atuação em Nova York. Na mesma universidade em que se formou, ele começou a lecionar Drama em 1971.

O livro *Understanding David Mamet*, de Brenda Murphy (2012), nos oferece detalhes sobre a vida do autor, além do que se tem conhecimento através de entrevistas. Segundo a autora, o dramaturgo é considerado, mesmo por amigos próximos, como uma pessoa reservada no que diz respeito à sua vida diária. Apesar de tentar não transparecer muito abertamente sua personalidade para que não busquem definir suas criações como produções autobiográficas, muitos de seus trabalhos já foram assimilados a ele próprio. De acordo com Murphy, com o pouco que se tem conhecimento sobre suas características fora do trabalho, críticos e apreciadores definem os personagens de suas peças, filmes e livros como indivíduos decisivos e assertivos. Segundo eles, essa é uma marca registrada de David e de como ele acredita que as pessoas deveriam ser.

No início de sua carreira, Mamet obteve reconhecimento por peças de variados temas. Podemos citar, como uma dessas peças que obtiveram grande reconhecimento, *Sexual Perversity in Chicago*, que fala sobre a vida sexual de dois casais nos anos 1970. Além das relações íntimas trabalhadas na peça, há, também, um foco nos diálogos da relação homem e mulher. Apesar de não ter sido a primeira peça de sua autoria, foi a que lhe concedeu o prêmio de melhor peça moderna de Chicago, o primeiro de sua carreira. Após a estreia da peça em 1974, assim como outras de suas obras para o teatro, *Sexual Perversity in Chicago* foi adaptada para filme duas vezes, com o título *About Last Night*. A primeira adaptação, feita em 1986, foi

dirigida por Edward Zwick e recebeu críticas positivas, sendo um sucesso de bilheteria. Em 11 de fevereiro de 2014, com direção de Steve Pink, a nova adaptação da peça foi vista pela primeira vez no *Pan African Film Festival*, e no dia 12 de fevereiro, próximo ao *Valentine's Day*, teve sua estreia nos cinemas.

Em 1992, sua peça *Oleanna* estreou em Massachusetts, Estados Unidos. Diferentemente da peça *Sexual Perversity in Chicago*, *Oleanna* não se referia à relação amorosa entre um casal, mas, sim, ao conflito entre um professor e sua aluna de graduação. Fragmentada em três atos, a peça conta somente com os personagens John e Carol. O leitor e ou espectador é apresentado aos distintos pontos de vista de cada protagonista. Após ter dificuldades com a disciplina lecionada por John, a aluna o procura para conversar sobre seu problema. Durante a conversa, o professor é interrompido por uma ligação telefônica. Ele tenta resolver seus assuntos pessoais com sua esposa e deixa sua aluna esperando por sua atenção. Em dado momento, o docente sugere que a aluna o encontre em sua sala periodicamente, para assim lhe conceder uma boa nota. Posteriormente, no gabinete de John, a discente se mostra descontente por não conseguir avançar com seu entendimento na disciplina, o professor a envolve em seus braços como se fosse acalmá-la. Tal acontecimento gera uma denúncia de assédio sexual feita por Carol, o que causa grandes mudanças no comportamento dos personagens. De acordo com Steven Price, em seu livro *The Plays, Screenplays and Films of David Mamet*, críticos pontuaram que o público espectador ficou dividido no que diz respeito ao assédio reportado por ela. Ele afirma que segundo tais críticos, durante os intervalos entre cada ato, os espectadores discutiam sobre a veracidade do que os personagens alegam durante o enredo, abrindo, assim, discussão para se, de fato, há assédio sexual ou não por parte de John em relação à aluna. A peça tem seu fim com o momento em que John agride a aluna fisicamente, após as discussões entre os dois sobre as consequências da denúncia feita por ela. O público leitor e ou expectador pode apresentar distintas interpretações para os fatos ocorridos no gabinete do professor. Será que o professor queria apenas ajudá-la ao propor aulas particulares à aluna? Ou será que o professor faz, de fato, o convite com intenções dúbias? A acusação de assédio pode ser levada a sério?

Diante dos questionamentos propostos, a presente pesquisa tem como objetivo averiguar como os personagens John e Carol, da peça *Oleanna*, utilizam a linguagem verbal para expressar poder. Para Michel Foucault (1970, p. 7), “[...] se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”. Partindo desse pressuposto, consideramos que a busca pelo poder só pode ser feita por um indivíduo em benefício a ele próprio. O poder, no contexto da peça em questão, é demonstrado através da forma com a qual os personagens utilizam do

discurso. Por meio da leitura crítica de diálogos selecionados, será possível discutir como o uso da linguagem reitera as formas de poder exercidas pelos/sobre os personagens sob análise. É também de fundamental importância entender de que forma as identidades do professor e da aluna são fixadas segundo o parâmetro hegemônico. Entretanto, as palavras do crítico da cultura Stuart Hall sobre o assunto são relevantes, pois segundo Hall (2006, p. 38) a identidade está constantemente sendo formada, não sendo considerada como um produto completo, é urgente investigar os processos de des/construção das identidade(s) ao longo da peça.

Para guiar e orientar tal pesquisa, serão utilizados como pressupostos teóricos Michel Foucault, no que diz respeito ao discurso e poder, os estudos de Gayatri Spivak, acerca do subalterno e sua possibilidade de fala, e as considerações sobre identidade postuladas por Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva. Considerando a relação de professor e aluna entre os personagens, há um prévio conceito de que o professor obtém poder maior por estar em um nível intelectual elevado em relação ao da estudante. Nessa visão tradicional, observamos o que o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire condena o que é chamado de “educação bancária”, no texto “Educação ‘Bancária’ e Educação Libertadora”, encontrado no livro *Introdução à Psicologia Escolar* de Maria Helena Souza Patto (1997). O termo se refere à relação vertical entre o educador e o educando, em que o primeiro é quem detém o conhecimento que é “depositado” no segundo, sem que haja espaço para a negociação de sentidos e significados. Além disso, ao decorrer dos diálogos entre os personagens, observamos que também devemos considerar a relação entre gêneros, já que, segundo a sociedade patriarcal, o indivíduo que possui maior poder em nível intelectual é, geralmente, do gênero masculino. Isto posto, atribuímos, também, o poder enraizado com que os homens nascem em tal sociedade, onde independentemente do título profissional ou social que um venha a adquirir, o fato de nascer homem o torna ainda mais poderoso quando comparado com uma mulher.

Para esta pesquisa, serão considerados aspectos da linguagem em falas selecionadas dos personagens, bem como a forma como os diálogos são estruturados e divididos entre os personagens. Tais aspectos, como detalhados adiante, nos possibilitam uma análise sobre como a linguagem é utilizada como uma ferramenta para que o indivíduo convença a terceiros e a ele mesmo sobre o poder que acredita possuir.

Como primeiro passo, a presente introdução se encarrega de mencionar as temáticas a serem tratadas na análise da peça tais como poder, identidade e local de fala, assim como os teóricos considerados indispensáveis em tais assuntos. Posteriormente, serão apresentados

trechos dos diálogos entre os personagens a fim de evidenciar e exemplificar as temáticas propostas. Como capítulo final, será desenvolvida uma conclusão acerca das considerações feitas no decorrer da elaboração da presente pesquisa.

As Relações de Poder em *Oleanna*

O poder, segundo Foucault (1987), só pode ser constituído de modo relacional e instaurado dentro de determinados campos de acordo com as disputas e resistências entre os sujeitos. Na peça sob análise, percebemos que as relações de poder são estabelecidas entre o professor John e a aluna Carol. No primeiro ato, observamos uma relação de poder que é tradicionalmente esperada se considerarmos uma visão convencional do arranjo entre professor e aluna, bem como homem e mulher. Somos apresentados, primeiramente, a uma Carol inferiorizada, que se ajusta à tal visão tradicional anteriormente citada. Da mesma forma, John também se mostra como pertencente à ideia de que ele é o indivíduo detentor de poder maior nesta relação. Devido ao fato de que o primeiro ato não transmite quaisquer expectativas de mudança em relação a isso, o segundo surpreende o leitor e ou expectador ao exibir o início da transformação vivida pelos personagens. Os acontecimentos que ocorrem entre os dois durante a reunião levam à consequências que permitem que Carol se posicione em nível hierárquico parecido com o de John. No desenrolar da narrativa, o terceiro e último ato da peça marca o ápice dessa reversão de poder na relação entre os dois, em que John passa a agir e ser visto como o indivíduo subalterno, que precisa da compreensão da aluna para que os episódios ocorridos entre eles não venham a debilitar sua vida profissional e pessoal. Partindo do proposto por Foucault (1988) em *História da Sexualidade*, de que as relações de poder estão diretamente associadas a atos de resistência, chegamos ao marco final da investigação de como ocorrem tais relações na peça. O personagem masculino não aceita a posição de subalterno que passa a ocupar. Em decorrência deste fato, ele faz uso da violência física contra a aluna, manifestando, portanto, sua forma de resistir à ideia de que ele já não é mais o indivíduo detentor de poder na relação.

Considerando o proposto acerca de como são definidas as relações estudadas, investigaremos, adiante, cada ato da peça de forma mais detalhada. No início do primeiro ato há uma parte extensa de fala reservada ao John e, isso, denota como o professor age com descaso para com a aluna e o motivo de ter sido solicitada uma reunião entre os dois:

JOHN is talking on the phone. CAROL is seated across the desk from him.

JOHN (on phone): And what about the land. (Pause) The land. And what about the land? (Pause) What about it? (Pause) No. I don't understand. Well, yes, I'm I'm... no, I'm sure it's signif... I'm sure it's significant. (Pause) Because it's significant to mmmmmm... did you call Jerry? (Pause) Because... no, no, no, no, no. What did they say...? Did you speak to the real estate... where is she...? Well, well, all right. Where are her notes? Where are the notes we took with her. (Pause) I thought you were? No. No, I'm sorry, I didn't mean that, I just thought that I saw you, when we were there... what...? I thought I saw you with a pencil. WHY NOW? Is what I'm say... well, that's why I say "call Jerry." Well, I can't right now, be... no, I didn't schedule any... Grace: I didn't... I'm well aware... Look: Look. Did you call Jerry? Will you call Jerry...? Because I can't now. I'll be there, I'm sure I'll be there in fifteen, in twenty. I intend to. No, we aren't going to lose the, we aren't going to lose the house. Look: look, I'm not minimizing it. The "easement." Did she say "easement"? (Pause) What did she say; is it a "term of art," are we bound by it... I'm sorry... (Pause) are: we: yes. Bound by... Look: (He checks his watch.) before the other side goes home, all right? "a term of art." Because: that's right (Pause) The yard for the boy. Well, that's the whole... Look: I'm going to meet you there... (He checks his watch.) Is the realtor there? All right, tell her to show you the basement again. Look at the this because... Bec... I'm leaving in, I'm leaving in ten or fifteen... Yes. No, no, I'll meet you at the new... That's a good. If he thinks it's necc... you tell Jerry to meet... All right? We aren't going to lose the deposit. All right? I'm sure it's going to be... (Pause) I hope so. (Pause) I love you, too. (Pause) I love you, too. As soon as... I will. (He hangs up.)

(He bends over the desk and makes a note.) (He looks up.) (To CAROL:) I'm sorry...

(Mamet, 1992, p. 1)

Ao observar tal estrutura de fala, tem-se a ideia de que o personagem de John apresenta um monólogo ao invés de um diálogo com sua aluna Carol. Isso se dá, principalmente, pela relação de poder existente por parte dele em relação à aluna. Por ser o professor, ele possui o livre-arbítrio para tratar de assuntos que não sejam de cunho profissional quando deveria estar atendendo uma aluna. Ao falar no telefone com sua esposa e tratar da possível compra de uma casa, o professor põe a aluna e seus problemas em segundo plano no momento em que deveria estar trabalhando. A escolha por, de fato, abordar suas questões pessoais à frente das profissionais em um momento em que deveria ser feito o contrário, nos dá uma ideia acerca da personalidade de John. O oposto não seria aceitável se feito por Carol, já que ela não se constitui como a autoridade maior. O leitor se depara, portanto, com o que é recorrente ao longo do primeiro ato: a prioridade que John dá aos seus assuntos pessoais e o descaso com a aluna, já que sua atenção não é primordial a ela, o que também pode ser visto como uma forma de silenciá-la. Tal evidência é observada no seguinte trecho:

CAROL: You don't do that.

JOHN: ...I...?

CAROL: You don't do...

JOHN: ...I don't, what...?

CAROL: ...for...

JOHN: ...I don't for...

CAROL: ...no...

JOHN: ...forget things? Everybody does that.

(Mamet, 1992, p. 2)

A recorrente interrupção por parte de John durante as tentativas de fala de Carol é um dos recursos utilizados por ele para expressar poder em relação a ela. Ao silenciá-la, temos a ideia de que a prepotência do personagem é tão superior que não há espaço para a tentativa de expressão por parte da aluna, que é vista, desta maneira, de modo inferiorizado. Ela é, portanto, oprimida pela fala do professor.

Quando John fala com a esposa pelo telefone, ele também faz uso de seu poder e autoridade para silenciá-la. A estrutura de sua fala nos mostra que diversas vezes ele interrompe sua esposa, o que parece tornar o diálogo confuso. Durante todo o ato, também há interrupções constantes por parte de John em relação à Carol. A forma como ele lida com as explicações da aluna também mostram a superioridade dele, já que ele parece tentar explicar a ela o que ela mesma tenta dizer, como podemos observar no trecho a seguir:

JOHN: ...Aha... (Pause) Sit down. Sit down. Please. (Pause) Please sit down.

CAROL: Why?

JOHN: I want to talk to you.

CAROL: Why?

JOHN: Just sit down. (Pause) Please. Sit down. Will you, please...? (Pause. She does so.) Thank you.

CAROL: What?

JOHN: I want to tell you something.

CAROL: (Pause) What?

JOHN: Well, I know what you're talking about.

CAROL: No. You don't.

JOHN: I think I do. (Pause)

CAROL: How can you?

JOHN: I'll tell you a story about myself. (Pause) Do you mind? (Pause) I was raised to think myself stupid. That's what I want to tell you. (Pause)

(Mamet, 1992, p. 9)

A esse comportamento, podemos relacionar o termo *Mansplaining*, proposto pela estudiosa Beatriz Montesanti (2016). O termo, muito utilizado pelo feminismo moderno, retrata o ato de um homem acreditar entender mais de um determinado assunto que a mulher. Sem questioná-la previamente, ele se posiciona intelectualmente de modo superior ou avançado. Nesse contexto, a capacidade de fala da mulher é subestimada. Muitas vezes o *mansplainer* utiliza um tom de voz ou modo de falar que sugere a dificuldade de compreensão por parte da mulher, destacando ainda mais a forma como ele se enxerga como mais privilegiado intelectualmente.

Além de citar a prática do *Mansplaining*, a autora se concentra em outro termo utilizado pelo feminismo: o *Maninterrupting*. O termo, também de origem inglesa, é a junção das palavras *man* e *interrupting*, que diz respeito a situações em que o homem interrompe uma fala que é esperada da mulher. Tal situação é comum em ocasiões formais, como por exemplo, palestras e discursos para um grupo de pessoas. A autora utiliza como um de seus argumentos os debates políticos da eleição presidencial dos Estados Unidos no ano de 2016, em que Donald Trump interrompe a fala de Hillary Clinton diversas vezes, dificultando a possibilidade de fala da então candidata. Apesar de ser muito associado a situações formais, o *maninterrupting* acontece também em ocorrências cotidianas, em que simplesmente pela questão de se tratar de um homem e uma mulher, o homem assume o poder patriarcal e por meio dele silencia a fala da mulher, como é observado no excerto:

JOHN: I had a thought I did not like... but now:

CAROL: ...but now it's...

JOHN: That's what I'm telling you. It's time to put my attention... see: it is not: this is what I learned. It is not Magic. Yes. Yes. You. You are going to be frightened. When faced with what may or may not be but which you are going to perceive as a test. You will become frightened. And you will say: "I am incapable of..." and everything in you will think these two things. "I must. But I can't." And you will think: Why was I born to be the laughing stock of a world in which everyone is better than I? In which I am entitled to nothing. Where I can not learn.

(Pause)

(Mamet, 1992, p. 11)

O trecho acima é um exemplo de ambos os termos comentados anteriormente. É perceptível a forma como John utiliza de seu poder de autoridade para, primeiramente, silenciar

Carol. A fala da aluna está sempre marcada por reticências, o que indica que ela foi interrompida, caracterizando o *Maninterrupting*. Do mesmo modo, nota-se, também, a presença do *Mansplaining*, quando o professor subestima o que ela tem a dizer. Após a aluna tentar falar e ser interrompida, ele prossegue dizendo “*That’s what I’m telling you*” (p. 11), enquanto ele nem mesmo sabe o que ela tinha a dizer. No mesmo trecho, observamos também a transformação do que deveria ser um diálogo, em um monólogo. É notável a diferença no tamanho das falas dos personagens, de forma que a participação de Carol torna-se quase impossível. Desta forma, John transforma o que deveria ser um diálogo entre os dois personagens em um monólogo, excluindo a possibilidade de Carol participar ativamente na conversa.

Muitas vezes, as mulheres que vivenciam tais situações nem mesmo percebem que estão sendo vítimas de tais práticas, devido à sociedade patriarcal em que estão enraizadas. A superioridade do homem é vista como algo normal/aceitável, e está de acordo com as palavras da professora indiana e teórica Gayatri Spivak em *Pode o Subalterno Falar?* Para a autora: “[...] a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (Spivak, 2010, p. 67). Sendo assim, ao compararmos dois indivíduos de mesmo nível intelectual, porém de sexos diferentes, o de sexo masculino sempre estará em um nível mais elevado, devido ao simples fato de ter nascido homem e ser visto, perante a sociedade patriarcal, como detentor de maior poder em relação à mulher. Deste modo, pelo simples fato de ter nascido mulher, Carol se encontra em um nível inferiorizado quando comparado ao do professor. Sendo assim, o fato de possuir um grau acadêmico menos prestigiado agrava sua situação de inferiorização.

A forma como John faz uso do *maninterrupting* e *mansplaining* para com Carol, nos mostra como ele busca se manter como quem possui maior autoridade de fala. Almeida, ao discorrer sobre a questão do subalterno proposta por Spivak, afirma que a autora:

Desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma (...) é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido.

(Almeida, 2010, p. 12)

Assim como o *maninterrupting* é caracterizado pelo feminismo contemporâneo, para Spivak, o ato de silenciar um indivíduo e tentar apoderar-se de sua fala torna o silenciador alguém que coopera com a opressão do silenciado, mesmo quando há a tentativa de auxiliar a expressão do outro. A fim de extinguir a diferença de níveis intelectuais entre esses indivíduos, ambos devem possuir o mesmo direito de fala e expressão, independentemente do título que possuem. A única característica que diferencia o termo *maninterrupting* da ação comentada por Spivak é a de que enquanto a autora se refere ao subalterno como alguém que pode pertencer ao sexo masculino ou feminino, o termo feminista exige que a pessoa silenciada seja uma mulher e o silenciador, um homem. Diante do contexto proposto, as palavras de Foucault se fazem pertinentes, pois o teórico afirma que não há indícios de que chegaremos a atingir um discurso de nível igualitário no que diz respeito à sexualidade. Para ele, é possível considerar que não estamos nem mesmo seguindo para essa direção, o que faz com que tal feito se encontre ainda mais distante da realidade. Segundo ele, o discurso pode ser considerado como o desejo de obter o poder. Ao analisarmos a forma como homens ainda são vistos como os que devem possuir poder maior em relação às mulheres, podemos afirmar que o desejo de poder por parte destes continuará crescente à medida que tal pensamento continuar enraizado na sociedade patriarcal.

Por se tratar de um pensamento hegemônico, as consequências de tal concepção são vistas como algo corriqueiro como, por exemplo, o espaço de fala reservado à mulher que se encontra em posição inferior. Durante grande parte do primeiro ato da peça, observamos que Carol não tenta contestar o pouco espaço para se expressar oferecido por John. Por possuir mais autoridade que ela, considerando o ambiente acadêmico e sua autoridade, ele se apropria do discurso de forma privilegiada, tendo um direito de fala quase que exclusivo. Tal evidência é o que caracteriza um dos três tipos de interdições do discurso apresentados por Foucault em *A Ordem do Discurso* (2014). Além da exclusividade de fala, as duas outras interdições apontadas por ele são o “tabu do objeto” e o “ritual da circunstância” (p. 9). Segundo o filósofo, esses tipos de interdição formam uma grade que está sempre se modificando, onde a sexualidade é um dos âmbitos em que essa grade está mais cerrada. Sendo assim, as interdições são feitas para a obtenção de poder por meio de quem as utiliza. A interdição utilizada por John encontra-se neste âmbito, já que parte de seu poder advém do simples fato de ser homem.

Outro ponto abordado por Michel Foucault é a questão do significado do discurso para um indivíduo: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2014,

p. 10). Logo, ao apoderar-se de um discurso, um indivíduo está em busca de um poder que só poderia ser obtido através dele próprio. A personagem Carol nos mostra, pela primeira vez, tal busca pelo poder ao expressar seu descontentamento diante de seu discurso ser constantemente interrompido:

CAROL: How can you say that? How...

JOHN: Good. Good. Good. That's right! Speak up! What is a prejudice? An unreasoned belief. We are all subject to it. None of us is not. When it is threatened, or opposed, we feel anger, and feel, do we not? As you do now. Do you not? Good.

CAROL: ...but how can you...

JOHN: ...let us examine. Good.

CAROL: How...

JOHN: Good. Good. When...

CAROL: I'M SPEAKING...

(Pause)

(Mamet, 1992, p. 18)

A frase “*I'M SPEAKING*” revela a insatisfação da aluna e o desejo de poder se expressar. Por estar em letras maiúsculas, compreendemos que ela fez uso de um tom de voz mais alto do que àquele utilizado durante a conversa, portanto, tal ato assume um caráter de protesto.

A tentativa de Carol de obter poder por meio do discurso parece surtir efeito e notamos uma mudança na relação entre os personagens no segundo ato. Após se mostrar mais assertiva, as interrupções de John no restante do primeiro ato são quase inexistentes. Reticências passam a ser utilizadas não somente para mostrar que uma fala foi cortada, mas também para indicar uma pausa de reflexão por parte do personagem, marcando uma mudança para o ato seguinte. Apesar disso, nos momentos finais do primeiro ato, após deixar Carol se expressar e falar sobre o que tem acontecido durante as aulas, o professor coloca o braço em volta do ombro da aluna e profere um som de quem pede para que ela pare de falar e se acalme - “shhh” (Mamet, 1992, p. 21). Tal comando é um dos pontos principais da peça no que diz respeito aos telespectadores e ou leitores, que ficaram divididos quanto a considerar ou não o ato como um assédio sexual. O uso do corpo como maneira de oprimi-la também é uma forma mais sutil de silenciar a aluna, já que ele age como se precisasse acalmá-la, pois ela, finalmente, fala como se sente em relação às aulas.

No segundo ato da peça, apesar de ainda obter falas menos extensas do que as do professor, a aluna passa a adotar uma postura diferente da personagem que conhecemos no primeiro ato. É notório, também, o contraste da personagem com o de sua aparição no início da peça no que diz respeito à sua aparência. As roupas utilizadas por ela nesta nova ocasião refletem sua intenção de adotar um aspecto de maior seriedade. Sua transição também é vista na forma como se comporta durante a conversa com o professor. Aos poucos a personagem toma mais espaço no diálogo com a forma como se expressa, conseguindo, dessa forma, alcançar um local de fala que evidencia seu poder através do discurso. A escritora e feminista negra, Djamila Ribeiro, em *O Que é Lugar de Fala?*, argumenta que todo indivíduo possui o direito de falar por si próprio. Para ela, é preciso desassociar a ideia de lugar de fala do termo representatividade, que é a possibilidade de um ser não se sentir representado por outro com o qual não enxerga sua própria identidade. O lugar de fala que cada indivíduo ocupa depende de sua localização social. Para a autora, o que de fato importa é que os indivíduos que constituem os grupos sociais privilegiados enxerguem que ocupam lugares distintos aos dos grupos subalternizados. Tais privilégios causam, conseqüentemente, impactos diretos nas vidas dos formadores do segundo grupo. O teórico Stuart Hall (2006) vai na mesma direção ao afirmar que é preciso se posicionar em algum lugar para se dizer alguma coisa. Em outras palavras, o ato da fala está marcado por uma história e lugares específicos. Assim sendo, a fala de Carol no segundo ato está posicionada em um local mais assertivo e de segurança, pois ela se apoia no corpo discente da universidade.

Por outro lado, John busca entender o porquê de Carol ter feito uma reclamação sobre ele, e tenta, a todo o momento, se isentar de qualquer culpa que lhe possa ser atribuída, antes mesmo de Carol explicar o porquê de ter o feito. Ele faz uso de seu local de fala de professor para tentar, de alguma forma, persuadir Carol a mudar de ideia quanto ao acontecido entre eles. Desta forma, no início deste segundo ato, tem-se a impressão de que o professor está ministrando uma aula, visto que seu discurso deixa de ser o de “somente” um homem que recebeu uma reclamação, mas a de um homem e professor a quem foi atribuído uma denúncia. O momento em que Carol explica ao professor que a argumentação diz respeito a ela não somente como aluna, mas também como mulher, é observado no trecho em que ela diz: *“Whatever you have done to me – to the extent that you’ve done it to ME, do you know, rather than to me as a student, and, so, to the student body, is contained in my report. To the Tenure Committee”* (Mamet, 1992, p. 26). Através dessa explicação, Carol tenta responder às perguntas de John acerca da denúncia que foi atribuída a ele. É importante ressaltar que o professor

universitário ainda não faz parte do corpo docente permanente. Ele precisa comprovar seu mérito, perante a um comitê que irá julgar se é pertinente sua inclusão como membro permanente da universidade. Por isso, o incidente com a aluna é uma ameaça à sua tão sonhada estabilidade profissional e financeira, já que estar envolvido em tal denúncia acarreta na degradação de seu nome perante o ambiente acadêmico, bem como o de sua vida pessoal.

Nas falas seguintes, enquanto Carol tenta manter uma conversa mais formal sobre a reclamação feita por ela e suas motivações, John tenta abordar o tema de forma pessoal, falando sobre sentimentos e se vitimizando perante toda a situação. Há uma significativa diferença no que diz respeito ao comportamento dos personagens. A partir de tal ponto, Carol passa a liderar o diálogo, de forma que suas falas são mais impactantes e, por vezes, mais decisivas da que as de John, o que, em comparação com o primeiro ato, é uma situação inversa e que era pouco presumida no início da peça. Tal fato pode ser visto no trecho a seguir:

CAROL: Do you deny it? Can you deny it...? Do you see? (Pause)

Don't you see?

You don't see, do you?

JOHN: I don't see...

CAROL: You think, you think you can deny that these things happened; or, if they did, if they did, that they meant what you said they meant. Don't you see? You drag me in here, you drag us, to listen to you "go on"; and "go on" about this, or that, or we don't "express" ourselves very well. We don't say what we mean. Don't we? Don't we? We do say what we mean. And you say that "I don't understand you...": Then you...

(Points.)

JOHN: "Consult the Report"?

CAROL: ...that's right.

JOHN: You see. You see. Can't you... You see what I'm saying? Can't you tell me in your own words?

CAROL: Those are my own words.

(Pause)

(Mamet, 1992, p. 26)

A mudança de comportamento dos personagens caracteriza a inversão de poder dos mesmos: Carol agora ocupa uma posição que se assemelha com a posição de John no primeiro ato da peça, enquanto o professor, por sua vez, não tem tanta autoridade quanto no início da narrativa. Além disso, ao analisar tais falas, observamos a resistência de Carol para seguir com

o processo adequado e formal sobre a reclamação feita por ela, ao passo que John tenta, de toda forma, a impedir de prosseguir com tal ideia. Notamos que Carol é quem conduz o diálogo. John parece desnortado com a assertividade e segurança de Carol. Em *A Ordem do Discurso*, Foucault afirma que apesar de o discurso ser visto, inicialmente, como algo inofensivo, suas interdições apontam o desejo da obtenção de poder por parte de quem o profere (p. 9). Através de tal pensamento, presumimos que a interdição de Carol em relação às interrupções constantes de John no primeiro ato e as interdições no que diz respeito à forma pessoal que o professor tenta tratar o assunto, revelam um desejo de também ocupar um lugar em que ela possa se expressar, assim como ele o fez desde o início da narrativa. Há um desejo latente de se obter mais autoridade em sua fala.

Considerando o poder que conseguiu alcançar diante de seu discurso e da forma com a qual se expressa, Carol se esforça para continuar tendo o seu local de fala respeitado, bem como os seus direitos como aluna e mulher. Ela questiona a forma de falar do professor, quando, por vezes, ele utiliza palavras que ela desconhece ou considera de difícil entendimento. O ato de questionar o uso da linguagem por John é uma maneira de Carol se fazer presente na narrativa, mostrando que ele pode discursar de forma que ela não sinta dificuldade em fazer parte do diálogo. Ela aponta para o fato de que o professor deveria selecionar suas palavras a fim de facilitar a compreensão dos alunos.

Tal mudança ou reversão na estrutura de poder entre John e Carol nos mostra também que as identidades fixadas aos rígidos papéis de aluna submissa e professor arrogante são questionadas. Ao analisarmos a forma como os personagens interagem entre si durante a narrativa, notamos, como dito anteriormente, uma mudança em seus discursos. Essa alteração pode estar também ligada ao que Stuart Hall aponta em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

(Hall, 2006, p. 13)

Isso posto, podemos relacionar as atitudes dos personagens de acordo com o momento pelo qual estão passando. Inicialmente, ao ser a quem a aluna pede ajuda em relação à sua dificuldade em entender o conteúdo da disciplina, John assume uma identidade de líder da situação, fazendo, assim, com que seu discurso acompanhe tal identidade e que isso fique

explícito durante o diálogo. Carol, por sua vez, adota a identidade de uma aluna que precisa da ajuda de seu professor para que obtenha êxito em suas atividades acadêmicas. Ao mudar a situação, mudam-se, também, as identidades. Após sofrer um assédio sexual por parte do professor, agora Carol busca seus direitos não somente como aluna, mas, principalmente, como mulher. Posteriormente ao acontecimento, observamos a transição de sua identidade. O fato de reportar uma denúncia e seguir em frente com a mesma, já nos mostra uma transformação no que diz respeito à sua identidade inicial. A forma como ela se impõe perante o professor, por meio de seu discurso, é um reforço para a constatação de que ela se encontra em uma situação que requer o emprego de uma nova identidade. Desta forma, ela é interpelada pelo discurso do outro que a posiciona de modo subalterno e inferior.

No que diz respeito a John, esse também sofre uma mudança em relação à identidade. Antes visto como quem possuía maior poder na relação para com a aluna, agora ele ocupa uma posição parecida com a da estudante no primeiro ato. Em razão do acontecimento e da denúncia feita por Carol, John passa a adotar uma postura de alguém que precisa de auxílio, e não tenta omitir isso. Contrariamente, ele assume uma identidade de homem que se coloca como vítima da situação que causou, tentando coagir a aluna a retirar sua denúncia para que a mesma não seja um problema para ele. Diante dos fatos expostos e da precariedade das identidades estabelecidas, as palavras de Tomaz Tadeu da Silva são pertinentes, pois ele afirma que:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer ‘o que somos’ significa dizer ‘o que não somos’. (...) Afirmar a identidade significa demarcar, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais.

(Silva, 2000, p. 82)

Sendo assim, concluímos que a identidade dos personagens está em constante mudança, sempre se adaptando às adversidades que acontecem durante os atos. Da mesma forma, a narrativa também sofre mudanças notáveis com o desenrolar dos acontecimentos. A linguagem e, conseqüentemente, o poder que a acompanha, seguem as mudanças vistas durante a peça e se transformam à medida que os personagens são interpelados por distintas situações.

No início do terceiro ato John se comporta de forma mais delicada com Carol. Sabendo que a aluna manteve sua denúncia contra ele, o professor a convida novamente para uma conversa em sua sala. O comportamento dele permanece notavelmente diferente quando

comparado com o primeiro ato da peça. Em determinado momento da reunião entre os dois, o telefone de John toca e ele age de modo distinto do que visto anteriormente:

JOHN: ALL RIGHT. ALL RIGHT. ALL RIGHT. (He picks up the phone.) Hello. Yes. No. I'm here. Tell Mister ... No, I can't talk to him now... I'm sure he has, but I'm fff... I know... No, I have no time t... tell Mister... tell Mist... tell Jerry that I'm fine and that I'll call him right aw... (Pause) My wife... Yes. I'm sure she has. Yes, thank you. Yes, I'll call her too. I cannot talk to you now. (He hangs up.) (Pause) All right. It was good of you to come. Thank you. I have studied. I have spent some time studying the indictment.

(Mamet, 1992, p. 34)

De maneira oposta à ligação que recebeu de sua esposa no primeiro ato da peça, dessa vez o professor não permite que o telefonema se estenda no momento em que tenta conversar com a aluna. Considerando as circunstâncias que o motivaram a solicitar um novo encontro com ela, percebemos que John tem interesse em manter o profissionalismo e não permitir que a comunicação entre os dois seja prejudicada por terceiros. Tal mudança de postura está diretamente relacionada ao fato de que o assunto é de seu interesse e pode resultar em um grande impacto em sua vida profissional. Ademais, em virtude do poder que Carol adquiriu devido à denúncia contra John, dar continuidade a algo não relacionado ao assunto a ser tratado entre os dois seria uma forma de contrariá-la, o que não seria favorável a ele já que está em uma posição vulnerável.

No que diz respeito à Carol, a continuação do terceiro ato nos revela cada vez mais o quanto a aluna busca se manter à frente da situação. Os diálogos entre eles são marcados por partes extensas de fala reservadas a ela. Carol perpetua uma postura profissional, enquanto John continua a se vitimizar e priorizar questões pessoais.

JOHN: They're going to discharge me.

CAROL: As full well they should. You don't understand? You're angry? What has led you to this place? Not your sex. Not your race. Not your class. YOUR OWN ACTIONS. And you're angry. You ask me here. What do you want? You want to "charm" me. You want to "convince" me. You want me to recant. I will not recant. Why should I...? What I say is right. You tell me, you are going to tell me that you have a wife and child. You are going to say that you have a career and that you've worked for twenty years for this. Do you know what you've worked for? Power. For power. Do you understand? And you sit there, and you tell me stories. About your house, about all the private schools, and about privilege, and how you entitled. To buy, to spend, to mock, to summon. All your stories. All your silly weak guilt, it's all about privilege; and you won't know it. Don't you see? You worked twenty years for the right to insult me. And you feel entitled to be paid for it. Your Home. Your Wife... Your sweet "deposit" on your house...

JOHN: Don't you have feelings?

(Mamet, 1992, p. 35)

O trecho em questão denota o quão comprometida a aluna está ao que concerne seu conflito com John. O comportamento da aluna está alinhado com a conduta que Spivak (2010, p. 15) defende que a mulher intelectual deve seguir. Para ela, o ato de buscar meios de autorrepresentação é uma forma de combater os limites impostos ao subalterno. Sendo assim, ao questionar seu direito de falar por si mesma e garantir que outros indivíduos que se encontram em uma posição de silenciamento também o possam fazer, Carol se posiciona como a mulher intelectual mencionada pela teórica. Nessa nova fase da personagem, ela se mostra preocupada não somente com seu caso, em particular, mas sim com os direitos dos alunos e mulheres como um todo. Assim sendo, ela busca atrair a atenção do professor para os privilégios que o mesmo possui perante seus alunos e como isso deveria ser diferente. Carol não se limita ao falar abertamente sobre o poder que John tem sobre ela e sobre os outros alunos em questão.

O ato de falar sobre as atitudes do professor que a incomodam como mulher e aluna faz com que os argumentos de John aos poucos se esgotem. A comunicação entre os dois nesta parte da peça nos mostra que Carol alcançou uma posição de poder que subjuga John e seus anseios em uma posição frágil. Essa reversão de poder causa aflição em John. O fato de enxergar não somente que agora depende da aluna para que ambições não sejam impossibilitadas, mas também que ela é quem possui maior autoridade, o traz fúria. Em dado momento, Carol propõe que o livro de autoria do professor deveria ser banido do programa da disciplina, o que para ele é o ápice do que ele considera como um absurdo. Após a proposta da aluna, John busca se recolocar na posição de autoridade que possuía anteriormente. Ele contesta a proposta da aluna reafirmando que ele é quem possui autoridade sobre a disciplina, já que ele é o professor da mesma. Ao notar que a aluna não pretende desconsiderar que o livro dele seja excluído do cronograma, ele se mostra impaciente e de modo ríspido afirma: “*Get the fuck out of my office!*” (Mamet, 1992, p. 41).

Em *O que é poder?*, o autor coreano Byung-Chul Han defende que “violência e liberdade são os dois extremos da escala de poder” (2019, p. 18). Levando tal pensamento em consideração, nos direcionamos para a finalização da peça. Após ser rude com a aluna de maneira verbal, o professor também a agride fisicamente. A peça finaliza de forma fatídica e trágica, e ato marca o que pode ser considerado como a extrema interdição de John no que diz respeito à sua busca pelo poder. A violência física cometida é a forma de John demonstrar que

não está de acordo ao fato de estar posicionado de forma inferior à Carol. Conforme Han, o uso de violência para mostrar poder é utilizado quando o agressor se encontra enfraquecido, como ocorrido com o docente. Após tentativas frustradas de se restabelecer, por meio do diálogo, como a figura de maior autoridade na relação entre os dois, ele exprime sua frustração por meio da violência física.

A linguagem corporal de Carol também se refere à hierarquia de poder restabelecida através do ato de agressão física: “*She looks away from him, and lowers her head*” (Mamet, 1992, p. 44). A ação de abaixar a cabeça evidencia o abandono da postura recém construída pela aluna. O medo, instaurado pela interdição física cometida por John, faz com que Carol esteja posicionada novamente de forma inferior ao professor. Apesar disso, considerado o proposto por Han, a prática de tal ato não concede poder a John, já que será mais um objeto de denúncia ao qual a aluna poderá se referir. O autor defende que o uso da violência por parte de um indivíduo com a intenção de se mostrar à frente de uma determinada situação, mostra, na verdade, a falência de poder, já que ele precisa provar que é detentor do mesmo.

O ato, portanto, nos possibilita chegar à conclusão de que apesar de a disputa pelo poder aparentemente ser vencida por John, o processo de crescimento de Carol como uma mulher mais assertiva e ciente de seus direitos e deveres a concedem o poder através do conhecimento. Diante disso, tal poder passa a ser um ponto de amparo significativo para que ela possa continuar se posicionando de forma positiva em relações onde não é, tradicionalmente, o ser detentor de poder.

Considerações Finais

No presente trabalho pretendeu-se a análise das relações comunicativas e de poder dos personagens John e Carol, da peça *Oleanna*, de David Mamet. Para tal, foram discutidos diálogos entre os personagens a fim de evidenciar questões de identidade e, principalmente, da forma como a linguagem pode ser utilizada como uma ferramenta para denotar uso ou abuso de poder.

De acordo com a análise, concluímos que as relações estabelecidas entre os personagens não são fixas, visto que são notórias, ao longo da narrativa, as mudanças de comportamento adotadas por eles. A tal fato se deve o que abordamos em relação à identidade e a forma como esta se molda de acordo com a situação em que um indivíduo é interpelado. Considerando o que Hall argumenta em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2006), podemos afirmar que um sujeito não possui apenas uma identidade formada e estável, mas um conjunto de identidades que está sempre se modificando de acordo com os sistemas culturais onde este indivíduo está inserido. As identidades assumidas por Carol e John no decorrer da peça são efeitos dos acontecimentos entre eles. A visão tradicional de como deve ser a relação aluna e professor e a relação entre homem e mulher é o sistema cultural que orienta, inicialmente, como os personagens devem se comportar. Apesar disso, há um desvio, por parte de ambos, no que diz respeito a tal orientação de comportamento. A conduta de cada um perante o assédio sexual e a denúncia referida a ele se afasta do que é esperado, considerando uma visão tradicional, de indivíduos com uma posição social e de gênero como a deles. Logo, a mudança na identidade de cada um atravessa um sistema cultural e, conseqüentemente, se fundamenta nele.

Ao mesmo passo em que a identidade empregada está em processo transitório, assim também está o poder. Há, na peça, uma reversão de poder que não é imaginada no início da mesma, o que não é aceito, como esperado, pelo personagem masculino que detinha de tal poder inicialmente. O professor, que no primeiro ato era quem possuía maior autoridade na relação com a aluna, perde, aos poucos, sua soberania. Os excertos discutidos da peça ratificam o processo de transferência de poder à aluna Carol, possibilitando a compreensão de que tal

personagem construiu sua identidade assertiva e questionadora, ao passo que a figura masculina, ao perder seu status de poder, desconstrói a fixidez identitária geralmente atribuída ao professor

Vale ressaltar, finalmente, o que Foucault (2014, p. 19) nos diz a respeito das relações de poder encontradas no discurso: “O que está em jogo, senão o desejo e o poder?” O anseio e a disputa pela soberania é o que permite que as relações estejam em constante transformação. Tal concepção é cabível à relação entre os personagens, já que é notório que ambos tentam, cada um à sua respectiva maneira, apoderar-se da autoridade que podem vir a possuir entre eles. Isto posto, concluímos que as relações de poder entre os personagens da peça resultam da ambição de cada um, fazendo com que o poder, bem como a identidade, não sejam instaurados de forma fixa, mas em constante transformação e em conformidade com a visão de mundo que cada um possui.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Prefácio - Apresentando Spivak*. In: *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FREIRE, Paulo. *Educação 'bancária' e educação libertadora*. In: *Introdução à Psicologia Escolar*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Vd. 1: *A Vontade de Saber*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis: Vozes, 2019.

MAMET, David. *Oleanna*. New York: Vintage Books, 1992.

MONTESANTI, Beatriz. 'Manterrupting': a prática sexista de interromper uma mulher quando ela está falando. In: NEXO JORNAL LTDA. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/28/'Manterrupting'-a-prática-sexista-de-interromper-uma-mulher-quando-ela-está-falando>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MURPHY, Brenda. *Understanding David Mamet*. Columbia: Univ of South Carolina Press, 2011.

PRICE, Steven. *The Plays, Screenplays and Films of David Mamet*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: Identidade e diferença. A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.